

Academia de Música de Santa Cecília



Academia  
de Música  
de Santa  
Cecília  
A educar  
desde 1964



www.althum.com  
ISBN 978-989-683-076-2  
9 789896 830762



althum.com

## Índice

### HISTÓRIA COM MÚSICA

- [ 11 Portugal na década de 1960:  
os modos do tempo  
*José Miguel Sardica*
- [ 39 O modelo da Academia como pioneiro  
de modernidade pedagógica  
*Rui Vieira Nery*
- [ 55 Academia de Música de Santa Cecília:  
breve síntese histórica  
*Adérito Távares*

### DEPOIMENTOS

- [ 71 *João de Freitas Branco*
- [ 72 *Inocência Galvão Teles*
- [ 74 *Baltazar Rebelo de Sousa*
- [ 76 *D. António Ribeiro*
- [ 79 *Guilherme d'Oliveira Martins*

### ENTREVISTA

- [ 85 **Senhora Embaixatriz  
Vera Franco Nogueira,  
a fundadora**

### TESTEMUNHOS PROFESSORES

- [ 99 *Vasco Barbosa*
- [ 100 *Henrique Fernandes*
- [ 102 *Ana Ferrão*
- [ 102 *Maria do Carmo Real Mendes (Nina)*
- [ 103 *Teresa Cecília Palma*
- [ 104 *Maria Helder Azevedo*
- [ 104 *Gina Botas Gonçalves*
- [ 105 *Silvestre Silva*
- [ 106 *Vasco Broco*
- [ 108 *António Gonçalves*
- [ 109 *Padre Teodoro Dias de Sousa*

### FUNCIÓNÁRIOS

- [ 110 *Alda Mata*
- [ 110 *Guarrete Henriques (Goreti)*

### ALUNOS

- [ 111 *Rui Vieira Nery*
- [ 112 *Ana Mafalda Correia*
- [ 113 *José Miguel Sardica*
- [ 116 *Cristina Váz Tomé*
- [ 117 *Carla Brazão*
- [ 118 *Alexandra Maurício (Tusa)*
- [ 119 *Lúcia Barriga*
- [ 120 *Patrícia Figueiredo*
- [ 122 *Catarina Burnat*
- [ 123 *Pedro Faria Gomes*
- [ 124 *Manuel Abecasis*
- [ 125 *Filipa Almeida*

### 128 FOTOCRONOLOGIA

#### 1964/65-2014/15

- [ 166 **Alunos da AMSC**
- [ 185 **Colaboradores da AMSC**
- [ 189 **Órgãos sociais da AMSC**

## O modelo da Academia como pioneiro de modernidade pedagógica

Rui Vieira Nery

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa  
Ex-aluno da AMSC

A fundação da Academia de Música de Santa Cecília, em 1964-65, integra-se no que podemos considerar o arranque de uma nova fase da institucionalização e expansão do ensino da Música em Portugal no decurso da década de 60.

Durante séculos, ao longo de todo o Antigo Regime, o ensino vocacional da Música fora assegurado fundamentalmente pelas escolas das grandes catedrais, como Évora, Lisboa ou Braga, e dos grandes conventos agostinhos, beneditinos, carmelitas, franciscanos ou paulistas. Em todos estes casos, tratava-se sobretudo de garantir a formação avançada de cantores e instrumentistas destinados ao serviço da liturgia e, na mesma óptica, de compositores capazes de assegurarem a produção contínua de novo repertório sacro para a rede de estabelecimentos eclesiásticos e monásticos. O ambiente contra-reformista rigoroso que dominava a vida cultural ibérica desde o segundo terço do século XVI limitava fortemente, em qualquer caso, as práticas musicais laicas na esfera erudita e excluía, por isso mesmo, a necessidade de uma formação musical orientada para os géneros de Música secular que se desenvolviam para lá dos Pirinéus.

Quando, a partir das primeiras décadas do século XVIII, se foi enraizando um circuito de intensa prática musical profana no quadro dos novos hábitos de sociabilidade doméstica chegados da França iluminista, a aprendizagem da Música – como, em paralelo, a da Dança – passou a ser considerada como um requisito indispensável da afirmação de um estatuto de distinção por parte dos meninos e meninas de boa família de Lisboa, e, ainda que em menor grau, do Porto e das restantes cidades mais relevantes do Reino. Emergiu assim gradualmente uma vasta rede informal de ensino musical ao domicílio, assegurada em particular por frades que tinham estudado Música nos seus conventos e que iam a casa das famílias endinheiradas para dar aulas a estes jovens alunos das classes média e alta, cruzando-se, nesse contexto, com os *petits maîtres* de Dança parisienses e os professores de francês. Para a pequena-burguesia que não podia permitir-se esse luxo, a *Gazeta de Lisboa* publicava anúncios de escolas a que os pais podiam levar os filhos para um ensino menos individualizado. Em qualquer dos casos procurava-se apenas ensinar os rudimentos da Teoria Musical e as bases técnicas elementares da prática



especializaria em questões relacionadas com as finanças públicas. A partir de 1859 integrou vários governos: foi ministro das Finanças, ministro dos Negócios Estrangeiros e ministro das Obras Públicas, tendo-lhe sido concedido o título de conde do Casal-Ribeiro.

O salão nobre deste palácio (que viria a ser e é a sala de festas e de audições da AMSC) assistiu a brilhantes e animadas recepções a destacadas figuras da sociedade portuguesa oitocentista, como Fontes Pereira de Melo, duque de Saldanha, duque de Ávila e até D. Fernando II. Foi na sua condição de ministro dos Negócios Estrangeiros que, em 1866, aquando da visita a Portugal da rainha Isabel II de Espanha, Casal-Ribeiro ofereceu no seu palácio «um lauto almoço de trinta talheres à comitiva ministerial espanhola» (*Diário de Notícias* de 14.12.1866).

Em termos arquitectónicos, o palácio Casal-Ribeiro integra-se no ciclo da arquitectura historicista romântica. A fachada é de uma notável sobriedade neoclássica, perfeitamente equilibrada, sendo composta por um corpo central, mais elevado, e dois corpos laterais. O andar nobre possui três janelões com arcos redondos, sobrepujados por pequenas cornijas. Uma varanda corrida, apoiada sobre mísulas trabalhadas, percorre toda a fachada do corpo central. Por sua vez, o piso superior, reservado a alojamento do pessoal doméstico (hoje ocupado com gabinetes para o ensino de instrumentos), recebe luz de três janelas simples. A horizontalidade de todo o edifício é acentuada pelas cornijas do segundo piso e da cobertura. O telhado, tanto nos corpos laterais como no corpo central é resguardado por um tapa-fogo decorado com esquadrias rectangulares. A coroar todo o edifício, urnas de pedra de belo efeito.

Penetrando pela porta principal, desemboca-se num átrio arabizante, com seis colunas de pedra suportando arcos abatidos. O tecto, de estuque restaurado, obedece a uma decoração geométrica, ao gosto islâmico. À direita, onde agora se situam salas de reuniões e de professores, ficava o «salão Luís XV»; à esquerda, ocupada actualmente pela Secretaria, encontrava-se a sala de jantar e, anexas, situavam-se a copa, a despensa, a cozinha, a sala de engomados, etc. A escadaria de acesso ao primeiro andar, iluminada por uma grande clarabóia, conduzia às dependências nobres do palácio: o grande «salão Império», para recepções, com um magnífico tecto estucado; a «sala Camões», com lambrins de azulejos historiados, alusivos ao grande poeta, onde se situava a sala de música do palácio; e ainda várias outras dependências, outrora aposentos e que, a partir de 1964, foram transformadas em salas de aula, biblioteca, sala de recursos multimédia, etc.

Quando a Academia o alugou à Câmara Municipal de Lisboa, o edifício encontrava-se muito degradado, sendo necessário proceder a dispendiosas obras de restauro e de adaptação. Cedo estas instalações se revelaram precárias e insuficientes, sobretudo quando a frequência começou a aumentar (130 alunos em 1964, 196 em 1965, 286 em 1966, 380 em 1967).

Na verdade, o «produto pedagógico» oferecido pela Academia teve uma procura que rapidamente esgotou a capacidade das instalações. Dez anos após a sua abertura, a AMSC era já frequentada por cerca de 600 alunos. Este aumento exigiu frequentes obras de adaptação dos edifícios disponíveis e o recurso a pavilhões pré-fabricados.



Os novos edifícios inaugurados no ano lectivo de 2012-2013, destinados ao Ensino pré-escolar e ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A ampliação das instalações ou a construção de um novo edifício, noutra local, foram hipóteses que desde logo começaram a ser equacionadas. Infelizmente, o projecto de construção, traçado em 1973, foi sendo sucessivamente diferido, sobretudo devido às convulsões políticas e sociais que o país atravessou a partir de 1974, que inviabilizaram a concretização dos apoios prometidos.

Finalmente, no ano lectivo de 2012-2013, foram inauguradas instalações modernas, destinadas ao Ensino Pré-escolar e ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, com projecto do arquitecto José Paulo dos Santos, permanecendo a intenção de concluir esse projecto, que inclui um auditório.

### 3. A comunidade escolar

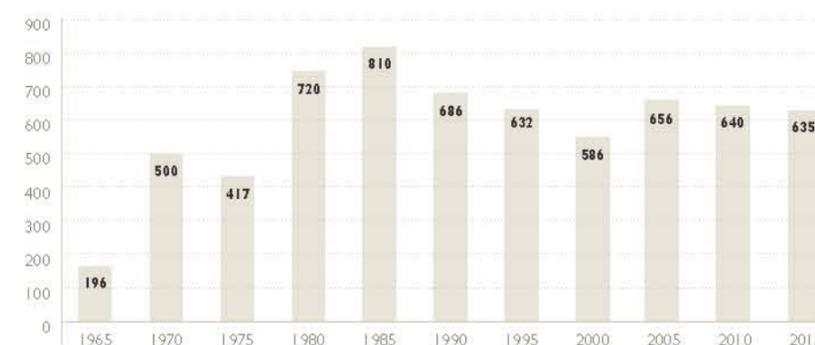
Os anos de 1974 a 1976 reflectiram, na Academia, a instabilidade geral do país. A frequência baixou substancialmente (ver gráfico), tendo passado de 565 alunos (em 1973/74), para 417 (em 1975/76). Numa época em que os subsídios estatais não existiam e o mecenato tinha desaparecido, a sobrevivência da Academia encontrava-se ameaçada. O Conselho Administrativo comunicou à assembleia geral da Associação da AMSC, em Setembro de 1975, a sua intenção de fechar a Escola, uma vez que as receitas previstas se encontravam muito distantes da previsão de despesas. No entanto, todos os que trabalhavam na AMSC, dirigentes, professores e funcionários, sentiam que o projecto da Academia merecia um último esforço e abdicaram de parte do seu salário, sob a forma de um empréstimo à Associação, que esta devolveria quando lhe fosse possível. Podemos dizer que esta decisão, corajosamente adoptada num tempo de reivindicações «selvagens» e de entusiasmos revolucionários, salvou a Academia. Não sabemos o que se teria passado se, nesse já longínquo «Verão quente de 75», a AMSC tivesse encerrado as suas portas.

No entanto, a história não é o que *podia ter sido*, mas o que *foi*. E o que *foi* está à vista: graças a uma gestão prudente, o Conselho Administrativo,



O uniforme dos alunos da AMSC introduzido no ano de 1988.

#### Frequência



#### 4. A celebração do Cinquentenário

A Academia de Música de Santa Cecília teve sempre os olhos postos no presente e no futuro mas não deixou de assinalar algumas das suas datas «redondas» – o 25.º Aniversário em 1989, os 40 Anos em 2004 e, durante o presente ano lectivo de 2014-2015, o seu Cinquentenário.

Integradas na comemoração do meio século, foram levadas a efeito várias iniciativas, a primeira das quais foi a celebração, em 22 de Novembro de 2014, da Missa Solene de Santa Cecília, presidida por Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente.

No dia 15 de Março de 2015, realizou-se um grande encontro de ex-alunos nas instalações da AMSC, seguido de um concerto no Centro Cultural de Belém, em 22 do mesmo mês, no qual participaram actuais e antigos alunos e professores. Este concerto realizou-se a convite do CCB, integrado no ciclo «Escolas de Música». Estas foram salutares jornadas de convívio e de celebração.

Também a Audição Final de 2015, em 9 de Maio, se inseriu no programa de celebração do Cinquentenário. No Grande Auditório do Centro Cultural de Belém foram intérpretes cerca de 400 alunos entre os 8 e os 17 anos de idade, bem como antigos alunos e antigos professores, integrados em coros, orquestras, grupos de música de câmara ou como solistas. O espectáculo incluiu a estreia absoluta da obra «Canções do Quadrante», do compositor Pedro Faria Gomes, ex-aluno da AMSC, dirigida pela maestra Joana Carneiro.

Em 30 de Novembro de 2015, a encerrar as comemorações, haverá um concerto no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, data em que se prevê que seja feita a apresentação deste livro.



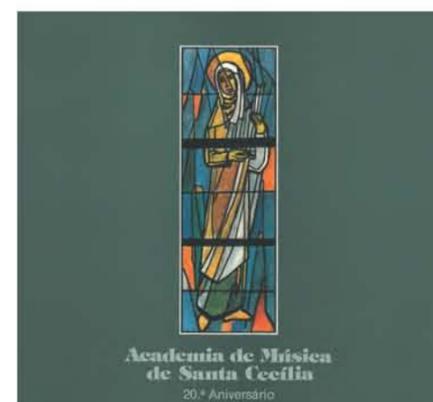
Aula de Iniciação Musical para alunos do Ensino Pré-escolar.



Aulas de iniciação ao Violino.



Audição final de 2015, no Centro Cultural de Belém. Dirigem a Orquestra e Coros da AMSC o maestro Vasco Broco e os professores Paula Nunes e António Gonçalves.



A AMSC gravou vários discos com os seus alunos, em vinil, DVD ou CD.



#### Guia de leituras

Não existe, verdadeiramente, uma bibliografia específica sobre a Academia de Música de Santa Cecília. O que existe são estudos sobre a educação em geral, sobre o ensino da Música ou sobre as reformas educativas em Portugal.

No final dos anos 80 e começos da década de 90 do século XX, a Academia desenvolveu a interessante iniciativa da publicação de uma revista trimestral, «Ponto e Contraponto», cujo objectivo principal era o de servir de elo da ligação entre toda a comunidade escolar, aberta à colaboração de alunos, pais, professores, funcionários e amigos da AMSC. Foram publicados 9 números, entre Novembro de 1987 e Junho de 1991, cuja leitura nos parece ainda hoje indispensável para conhecer melhor o projecto e a história desta escola criativa e inovadora, mas também afectiva e humanizada.

Quanto a leituras relativas às políticas educativas em Portugal nas últimas cinco décadas, a bibliografia é imensa, incluindo numerosas teses de mestrado e de doutoramento. Citemos apenas algumas obras de carácter

geral, como o livro coordenado por Manuela Silva e Maria Isabel Tamen, *Sistema de Ensino em Portugal*, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1981; a *História do ensino em Portugal*, de Rómulo de Carvalho, publicada em 1988 também pela Fundação C. Gulbenkian; a obra de António Teodoro, *As políticas de Educação em discurso directo (1955-1995)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 2002; e, do Prof. Inocêncio Galvão Teles, ministro da Educação Nacional que apoiou e autorizou a abertura da AMSC, *Temas de Educação*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1966, e *Por uma política do espírito*, Lisboa, GEPAB, 1968.

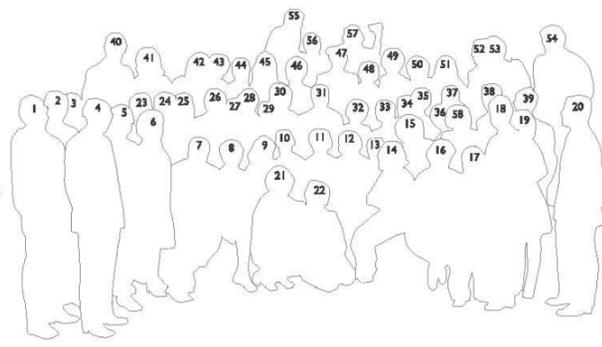
Na área musical, um artigo de António José Pacheco Ribeiro e Maria Helena Gonçalves Leal Vieira, *O Ensino da Música em Regime Articulado*, Braga, Universidade do Minho, 2010; o livro de Rui Vieira Nery e Paulo Ferreira de Castro, *História da Música*, Lisboa, INCM, 1991; e, finalmente, também de Rui V. Nery, um artigo sobre a AMSC publicado em 14 de Junho de 1991 no jornal *O Independente*, intitulado «Uma escola ímpar».

# Fotocronologia





Em cima: aula do Ensino Primário (actual 1.º ciclo do Ensino Básico) e almoço no refeitório, nos anos 60.  
 Em baixo: professores e funcionários da Academia no começo da década de setenta –  
 1. Dr. Cristóvão Lima; 2. Cor. Ernesto Dionísio; 3. Prof. Rangel de Almeida;  
 4. Dr. Delfino Viseu; 5. Dr. Cruz Pinto; 6. Prof.ª Ema Lisboa;  
 7. Sr. Sebastião Domingues (contabilista); 8. Sra. D. Otilia; 9. Prof.ª Sharon Miranda;  
 10. Prof. Gil Miranda; 11. Prof.ª Maria Amélia; 12. Sra. D. Vera Franco Nogueira; 13. ?;  
 14. Dra. Maria Luísa Brazão; 15. Prof.ª Maria José Barreto; 16. Dra. Maria Fidalgo Janeiro;  
 17. Dra. Manuela Noronha (médica); 18. D. Ofélia (assistente social);  
 19. Prof.ª Madalena Valente; 20. Dr. Pinto de Figueiredo; 21. D. Herculanã;  
 22. D. Cândida Cabral Moncada; 23. Prof. Vasco Barbosa; 24. Prof.ª Maria José Viana;  
 25. Educ. Margarida Cabral; 26. ?; 27. Prof.ª Ana Ferrão; 28. ?; 29. ?; 30. Educ. Manuela Durão;  
 31. Prof. Alberto Nunes; 32. Prof.ª Madame Alain; 33. Prof.ª Lisete Borralho;  
 34. Dr. Vaz Serra; 35. Prof.ª Teresa Cecília; 36. Prof.ª Adelaide Alpoim; 37. Dr. João Brazão;  
 38. Prof. Guterres; 39. Prof. Leonardo Barros; 40. Prof. Francisco Brito e Cunha;  
 41. Prof.ª Melina Rebelo; 42. Prof.ª Eugénia; 43. Prof.ª Palmira Bastos; 44. Dália;  
 45. Norvinda; 46. Prof.ª São Hespagnol; 47. Prof. José Mídões; 48. Prof.ª Lúcia Duque;  
 49. Educ. Maria do Carmo Real Mendes (Nina); 50. Prof.ª Maria do Carmo Janeiro (Micaú);  
 51. Prof.ª Maria Emília; 52. Dr. Walter de Carvalho; 53. Prof. Fernando António Baptista Pereira;  
 54. Dr. António Dias Miguel; 55. Francisca Matos; 56. Sr. Manuel Domingues;  
 57. June Hatherly de Oliveira; 58. Dra. Maria Helena Costa Lopes.



Momentos de confraternização de professores e alunos do 5.º ano liceal (1971-72), entre os quais três futuros professores da AMSC (Marília Farias, Maria Helder Azevedo e Vasco Broco) e um dos coordenadores deste livro e membro do Conselho Administrativo da Academia (Rui Vieira Nery). Na foto de cima reconhecem-se os professores Rangel de Almeida e Ernesto Dionísio.



